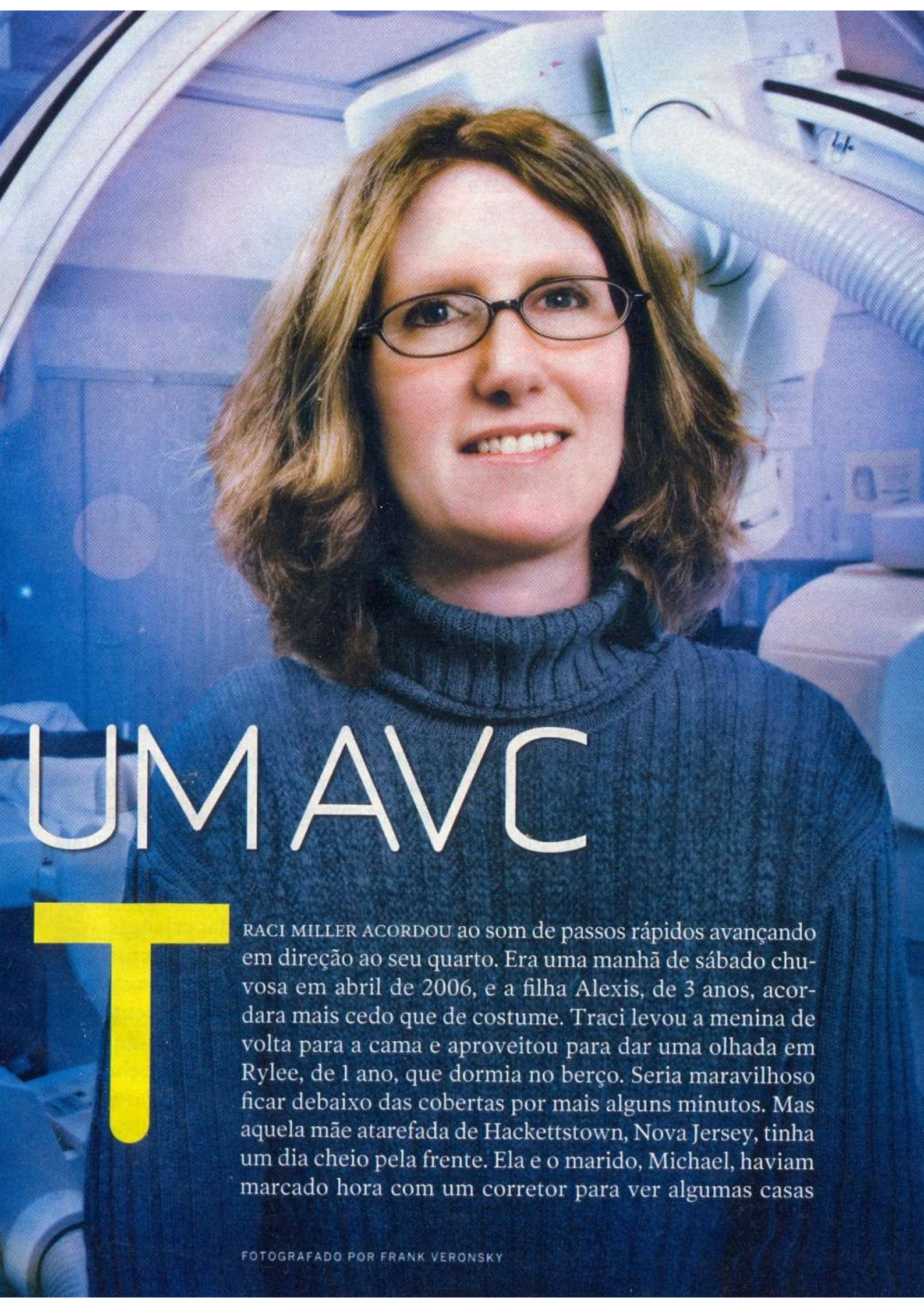


MILAGRES  
MÉDICOS!

# DETENDO

Esta jovem mãe desmaiou sem motivo aparente. Sua única esperança: uma cirurgia revolucionária. Mas os minutos estavam passando...

POR LISA COLLIER COOL



# UM AVC

**T**RACI MILLER ACORDOU ao som de passos rápidos avançando em direção ao seu quarto. Era uma manhã de sábado chuvosa em abril de 2006, e a filha Alexis, de 3 anos, acordara mais cedo que de costume. Traci levou a menina de volta para a cama e aproveitou para dar uma olhada em Rylee, de 1 ano, que dormia no berço. Seria maravilhoso ficar debaixo das cobertas por mais alguns minutos. Mas aquela mãe atarefada de Hackettstown, Nova Jersey, tinha um dia cheio pela frente. Ela e o marido, Michael, haviam marcado hora com um corretor para ver algumas casas

maiores para a família, que crescia, e mais tarde os pais dela viriam visitá-los. “Vou tomar banho”, avisou a Michael, que ainda estava deitado. “Preciso ajeitar algumas coisas antes de mamãe e papai chegarem, e também temos de fazer compras.”

Instantes depois, Michael ouviu um barulho. Ele ainda não sabia, mas uma corrida desesperada contra o tempo acabava de começar. Ele pulou da cama para ver o que tinha acontecido. No banheiro, encontrou a mulher, com quem estava casado fazia cinco anos, caída na banheira. “Eu gritava seu nome e perguntava se estava bem, mas ela só olhava para a frente, sem responder”, lembra o engenheiro civil de 36 anos. “E gemia, meio chorando. Fiquei apavorado.” Ele a levou para a cama e ligou para o serviço de Emergência. Durante a ligação, percebeu que Traci não conseguia mexer a perna direita. “Isso me deixou ainda mais assustado.”

Poucos minutos depois, a polícia chegou. Como Traci não conseguia falar, os homens perguntaram a Michael o que havia acontecido. “Ela deve ter batido a cabeça e sofrido uma concussão”, respondeu ele. Em pouco tempo, o quarto estava cheio de paramédicos, que examinaram Traci, puseram um protetor em torno de seu pescoço e a deitaram numa maca. Durante a espera pela ambulância, que foi atrasada por outra chamada, Michael pediu a uma vizinha que ficasse com as crianças até ele contatar os parentes. Por incrível que pareça, Rylee dormiu durante o tumulto, e Alexis brincava sossegada na cama, alheia à situação.

Quando a ambulância chegou, Michael estava desesperado. O lado direito do rosto de Traci se contraía para baixo, e a boca se mantinha aberta. Ela foi levada para o hospital da cidade e conduzida, de helicóptero, a um centro de traumatologia em Morristown, Nova Jersey. “Eu sabia que não fariam isso se o caso não fosse grave”, diz Michael, que seguiu para lá de carro. “Eu chorava ao volante. Como é que ela podia ter se machucado tanto ao escorregar no banheiro? Entrei em pânico de tal maneira que me imaginei vivendo sem minha mulher, e nossas filhas crescendo sem a mãe.”

**Q**UANDO, às 7h40, Michael chegou ao hospital, tentou controlar a emoção. Durante a breve visita a Traci, que estava com o lado direito do corpo paralisado, descobriu que ela podia se comunicar com movimentos da cabeça. “Você caiu?”, perguntou. Ela assentiu. “Lembra como?” Ela fez que não. Então foi levada para fazer alguns exames, entre os quais uma tomografia, enquanto Michael rezava na sala de espera e ligava para casa, a fim de saber das crianças.

Quase uma hora depois, os médicos voltavam com uma notícia assustadora. Traci havia sofrido um acidente vascular cerebral (AVC): falta de fluxo sanguíneo numa parte do cérebro, em geral provocada quando um vaso é obstruído por um coágulo. Michael não conseguia acreditar. Como isso podia ter acontecido? Sua mulher era magra, não fumava e tinha apenas 35 anos. Um

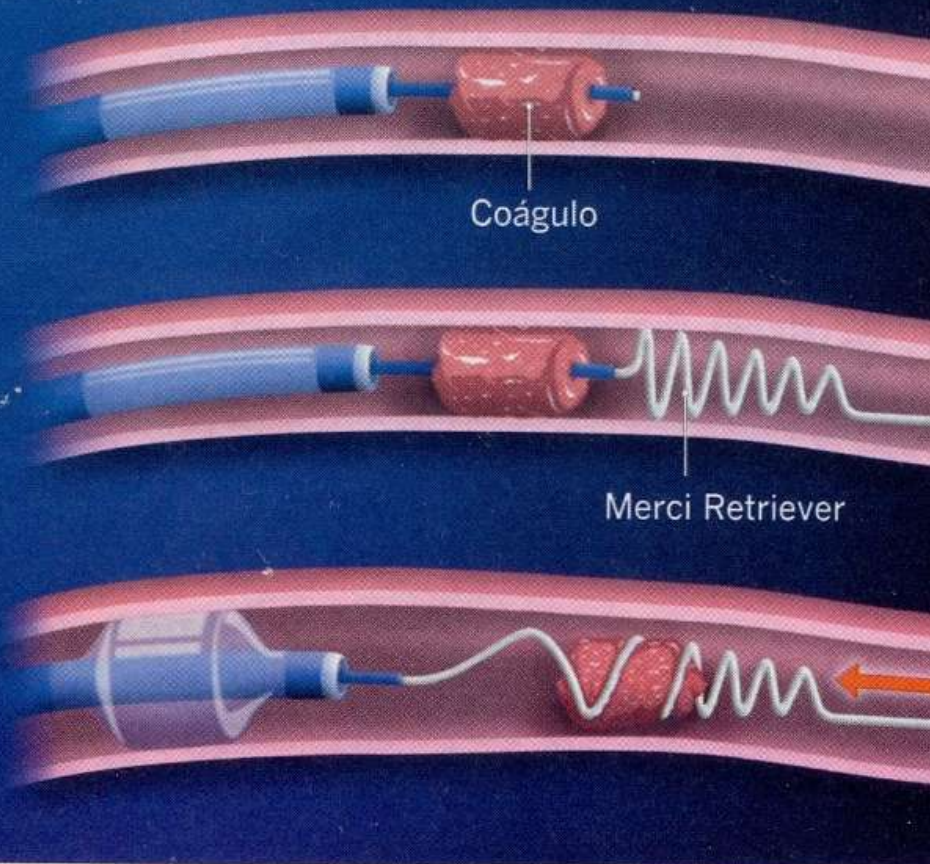
## CAPTURANDO UM COÁGULO

Os médicos usaram esta técnica cirúrgica minimamente invasiva para desfazer parte da lesão causada pelo AVC de Traci Miller. Sob orientação radiográfica, inseriram os instrumentos por uma artéria na perna até o vaso obstruído no cérebro.

O microcateter Merci é conduzido pelo vaso sanguíneo até ultrapassar o coágulo.

O Merci Retriever então passa pelo microcateter até sair do outro lado e se espiralar como um saca-rolhas.

O Merci Retriever é puxado através do coágulo, prendendo-o. O microcateter, o Retriever e o coágulo saem todos juntos.



parente seu tivera um AVC e jamais fora o mesmo. Isso aconteceria com Traci? AVCs matam mais de 157 mil americanos por ano, em torno de 60% deles mulheres. No Brasil, cerca de 90 mil pessoas morreram em 2005 e em 2006 por causa da doença. Os sobreviventes podem sofrer seqüelas como paralisia, deficiência visual, dores crônicas, dificuldade na fala e problemas cognitivos ou emocionais.

O neurologista explicou que talvez fosse possível deter o AVC. Mas tudo dependia de Traci ser tratada a tempo. Quanto mais horas o cérebro passasse sem fluxo sanguíneo, maiores seriam os danos. Antes que os médicos pudessem tomar qualquer atitude, era preciso determinar quando os sinto-

mas haviam começado. Só existem dois tratamentos para AVC aprovados pelo FDA (órgão que regulamenta medicamentos e alimentos nos Estados Unidos), e ambos precisavam ser feitos dentro de limites rígidos de tempo. Michael não olhara o relógio, mas imaginava que tudo havia acontecido por volta das 6 da manhã, talvez um pouco mais tarde.

O especialista viu a hora. Eram 8h45. Restavam apenas alguns minutos para ministrar o tPA (ativador de plasminogênio tecidual), remédio que desfaz o coágulo e é aprovado para uso somente no período até três horas depois do AVC. Mas o médico temia que o coágulo no cérebro de Traci fosse grande demais para ser dissol-

vido pelo tPA. Caso o procedimento não funcionasse, ela sofreria danos irreversíveis, e até poderia morrer. Das pessoas com obstrução no mesmo local da de Traci, até 50% morrem.

Mas Traci estava apta para ser submetida a um tratamento mais novo, oferecido em apenas um lugar de Nova Jersey: o Hospital Overlook, em Summit. Um aparelho chamado Merci Retriever (aprovado pelo FDA em agosto de 2004) atua como um saca-rolhas que se prende ao coágulo para removê-lo das artérias. É mais eficaz que o tPA para obstruções maiores e

eficaz na restauração do fluxo sanguíneo, segundo estudo de 2006 realizado pela Universidade da Califórnia, em São Francisco. Diante de uma decisão de vida ou morte, com o tempo já se esgotando, Michael não hesitou. Ao assinar o formulário de autorização, gritou: “O que vocês estão esperando? Vamos levá-la para o outro hospital!”

Enquanto os médicos tomavam as devidas providências, Michael telefonava para os pais de Traci. “Esperava ter agido certo”, diz. “Teria concordado com qualquer coisa que desse a Traci a chance de voltar ao normal. Ela

AO ASSINAR A AUTORIZAÇÃO, MICHAEL GRITOU: “O QUE ESTÃO ESPERANDO? VAMOS LEVÁ-LA PARA OUTRO HOSPITAL!”

pode ser usado até oito horas depois do acidente, diz o Dr. Ronald Benitez, diretor de neurocirurgia endovascular do Overlook. “Ampliar o prazo de tratamento significa que mais pacientes serão poupados da morte ou da invalidez, porque a maioria das pessoas não chega ao hospital a tempo de receber o tPA.” (Ver “Sinais e sintomas de um AVC”, na página 70.)

O tratamento com o Merci apresenta alguns sérios riscos, como vasos sanguíneos perfurados (hemorragia cerebral), que podem agravar o AVC e até ser fatais. Além disso, como fazia pouco tempo que o hospital havia comprado o aparelho, Traci seria a segunda paciente em Nova Jersey a ser submetida ao procedimento, que é de 54% a 69%

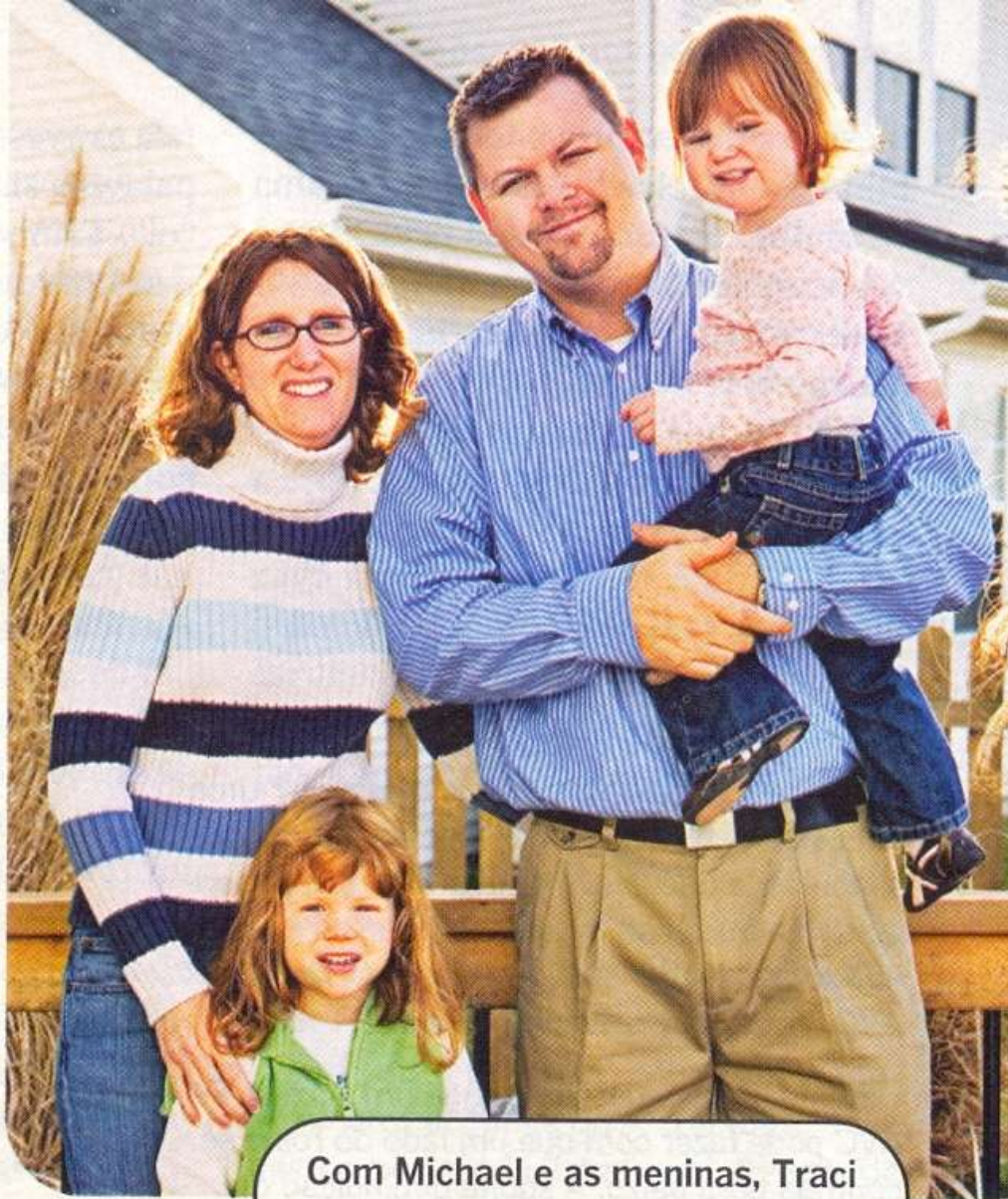
não parecia sofrer, mas, quando o médico lhe pediu que botasse a língua para fora, não conseguiu.” Michael correu tanto que chegou ao Hospital Overlook antes do helicóptero. Quando Traci chegou, por volta das 10h, ele a beijou e lhe prometeu que tudo ficaria bem. “Devo ter dito ‘Eu te amo’ uma centena de vezes, até me afastarem dela. Estava desesperado.”

Quatro horas e meia depois do início do AVC, Traci era submetida a anestesia geral. O Dr. Benitez enfiou um pequeno tubo numa artéria da perna. Usando imagens de raios X como um mapa digital, ele trafegou pelo labirinto de vasos sanguíneos até o cérebro. Quando alcançou o vaso obstruído, injetou tPA diretamente no

coágulo, um uso ainda experimental do remédio. “Isso afrouxa o coágulo, para que seja mais fácil retirá-lo”, esclarece o cirurgião. O passo seguinte era introduzir o Merci Retriever no tubo. O Retriever é um fio flexível feito de metais que têm “memória”. Quando sua ponta de níquel e titânio sai do outro lado do tubo, ele “se lembra” de se espiralar como um saca-rolhas. Se tudo corresse como o previsto, o instrumento traria o coágulo quando fosse puxado de volta.

Mas a primeira tentativa do Dr. Benitez só trouxe alguns fragmentos, o suficiente apenas para que o sangue começasse a gotejar pelo vaso obstruído. Não bastava. O processo foi cautelosamente repetido. “O fato de Traci ser tão jovem e ter duas filhas aumentava a urgência”, diz o Dr. Benitez. O aparelho foi aos poucos retirado. Para alívio do médico, havia um grande coágulo preso na espiral.

As imagens de raios X mostraram que o sangue fluía no vaso em velocidade normal. Dois vasos menores, entretanto, ainda estavam obstruídos. O Dr. Benitez jogou mais tPA, e eles aos poucos recobriram o fluxo, à exceção de uma pequena área. O médico fizera tudo o que podia para recuperá-la.



**Com Michael e as meninas, Traci aproveita a vida ao máximo.**

Pouco tempo depois da cirurgia – que durou uma hora e meia –, Traci já podia mexer a perna direita. Quando viu Michael na sala de recuperação pós-anestésica, por volta das 13h, suas primeiras palavras foram “Eu te amo”.

Ele estava atônito e radiante. Parecia um milagre que sua mulher já conseguisse falar tão pouco tempo depois do procedimento. Ela foi transferida para a UTI neurológica, onde vários parentes ansiosos aguardavam para vê-la. Uma enfermeira explicou que, depois de um AVC tão violento, seria preciso monitorar o progresso de Traci dia após dia. Era cedo demais para dizer se ela recuperaria todas as faculdades,

mesmo com terapias intensivas de reabilitação. Michael sentou-se na cama da mulher, segurando sua mão. “Você vai ficar bem”, prometeu. “É forte e vai superar isso.” Traci assentiu, antes de adormecer.

Nas 24 horas seguintes, ele comemorou cada novo progresso. Embora a

## » SINAIS E SINTOMAS DE UM AVC

Com frequência, um acidente vascular cerebral não é tratado como emergência. Motivo? Uma em cada três pessoas não sabe identificar os sintomas, o que pode resultar em atrasos perigosos na busca de tratamento. Use as diretrizes abaixo para saber se alguém está tendo um AVC. Você pode salvar uma vida.

**Rosto.** Peça à pessoa que dê um sorriso. O AVC pode fazer com que um lado do rosto se contraia para baixo. A súbita diminuição da visão ou dores de cabeça fortes, sem causa conhecida, também são sinais.

**Braços.** Peça à pessoa que levante os braços. Se um deles pender, isso talvez seja indício de AVC, que pode causar fraqueza, entorpecimento ou paralisia de um membro, principalmente num lado do corpo. Os pacientes às vezes também sentem falta de equilíbrio, ou sofrem quedas súbitas.

**Fala.** Peça à pessoa que repita uma frase simples. A vítima de um AVC pode arrastar as palavras, ter dificuldade de falar e entender o que lhe dizem, ou simplesmente não falar.

**Tempo.** Se a pessoa tiver um desses sintomas, chame uma ambulância. Um AVC é uma situação crítica de vida ou morte, na qual cada minuto faz diferença. Para ter alguma esperança de reverter o quadro, o paciente precisa receber o tPA em até três horas após o acidente, ou o Merci Retriever em até oito horas.

fala estivesse arrastada, ela sussurrava palavras simples como “sim”, “não” e “oi”. Também reconhecia os amigos e parentes que apareciam e até cumprimentou o cunhado pelo apelido. Na tarde de domingo, um dia e meio após o AVC, ela deu seus primeiros passos, com a ajuda de um andador. “Eu estava muito animado, aliviado e esperançoso”, lembra Michael. Embora Traci parecesse aérea, e tivesse o movimento do braço direito limitado, ele estava convencido de que, com o tempo, ela se recuperaria de todo.

No dia seguinte, porém, houve um retrocesso. Durante o exame oftalmológico, Traci não reagiu quando o médico direcionou a luz da lanterna para o olho esquerdo. “Fiquei arrasada por não enxergar desse lado”, diz Traci, que ainda tentava compreender o que lhe acontecera. “Eu não entendia toda aquela história de AVC, nem por que meu olho esquerdo estava mal, quando os outros problemas eram no lado direito do corpo.” O médico deduziu que um fragmento do coágulo devia ter obstruído o fluxo de um vaso daquele olho durante o acidente, mas tinha esperança de que a visão voltasse. No fim da semana, ela já via sombras.

Traci trocou o andador por uma bengala e começou a dizer frases completas. “Vou ficar bem”, garantiu aos pais. Eles

ajudavam Michael a tomar conta das crianças. Rylee era nova demais para falar, mas Alexis insistia em ver a mãe. Ela teve de esperar até Traci ser transferida da UTI para um quarto comum do hospital. Antes da visita, Michael explicou que Traci estava usando massinha para exercitar as mãos. Alexis vasculhou a caixa de brinquedos até achar um pote de massinha rosa, sua cor preferida. “Isso vai ajudar a mamãe a melhorar”, decretou. Traci ficou tão feliz ao ver as filhas que desatou a chorar. Botou Alexis no colo, e as duas se puseram a modelar a massinha.

Depois de uma semana, Traci foi transferida para um centro de reabilitação, onde se submeteu a sessões de fisioterapia, terapia ocupacional e fonoaudiologia. Duas semanas após o AVC, estava bem o bastante para continuar o tratamento em casa. Logo andava sem bengala, embora o pé direito se arrastasse, fazendo com que ela tropeçasse com frequência. Traci aos poucos aprendeu a andar normalmente, e o braço direito ganhou força e flexibilidade, embora continue mais fraco do que o esquerdo. Reaprender a escrever foi uma luta. No começo, ela mal rabiscava o próprio nome, mas a caligrafia

acabou ficando quase perfeita.

Quando as habilidades físicas voltaram, suas idéias também se aclararam. “Cerca de um mês depois do AVC, finalmente entendi a gravidade de tudo aquilo. Quis saber por que eu.” Os exames revelaram a existência de um problema congênito: um pequeno orifício no coração que a deixava mais suscetível a AVC. Mas os médicos decidiram adiar a cirurgia cardíaca até que Traci estivesse num estado mais avançado de recuperação. Enquanto isso, ela aos poucos recobra a visão no olho esquerdo, embora ainda enxergue embaçado com ele. Às vezes, Traci custa a achar a palavra certa, mas não tem outro problema de fala.

Em julho de 2006, retornou à empresa farmacêutica onde trabalha. “Fico pasma por ainda estar aqui, depois de ter corrido um risco tão grande de morrer”, comemora Traci, que se submeteu à cirurgia cardíaca em setembro do ano passado. Ela também passou por uma grande mudança interior. “Diminuí meu tempo de trabalho e tiro mais férias. Minha vida é aqui em casa, com minhas filhas e meu marido, e quero aproveitá-la ao máximo.”

## FALTOU O MAIS IMPORTANTE

Estávamos num restaurante com minha filha de 9 anos, quando entrou um vendedor de brinquedos.

Ele mostrou um truque em que fazia uma nota de R\$ 20 surgir de dentro do brinquedo. No fim da apresentação, disse que o mesmo custava R\$ 10. Compramos.

Logo depois, parecendo procurar algo, ela perguntou:

– E a nota de R\$ 20?



LIÉGE KNOCHE, Florianópolis (SC)